

Contos de encantar
**HISTÓRIA DE ALARICO
SEM FEL**

L. 36.389 P.



39

3628994

Contos de Encantar

n.º 32

*Reservados todos os direitos,
conforme a legislação em vigor.*

VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA

L. 36389 R.

DEP. LEG.

HISTÓRIA DE ALARICO SEM FEL

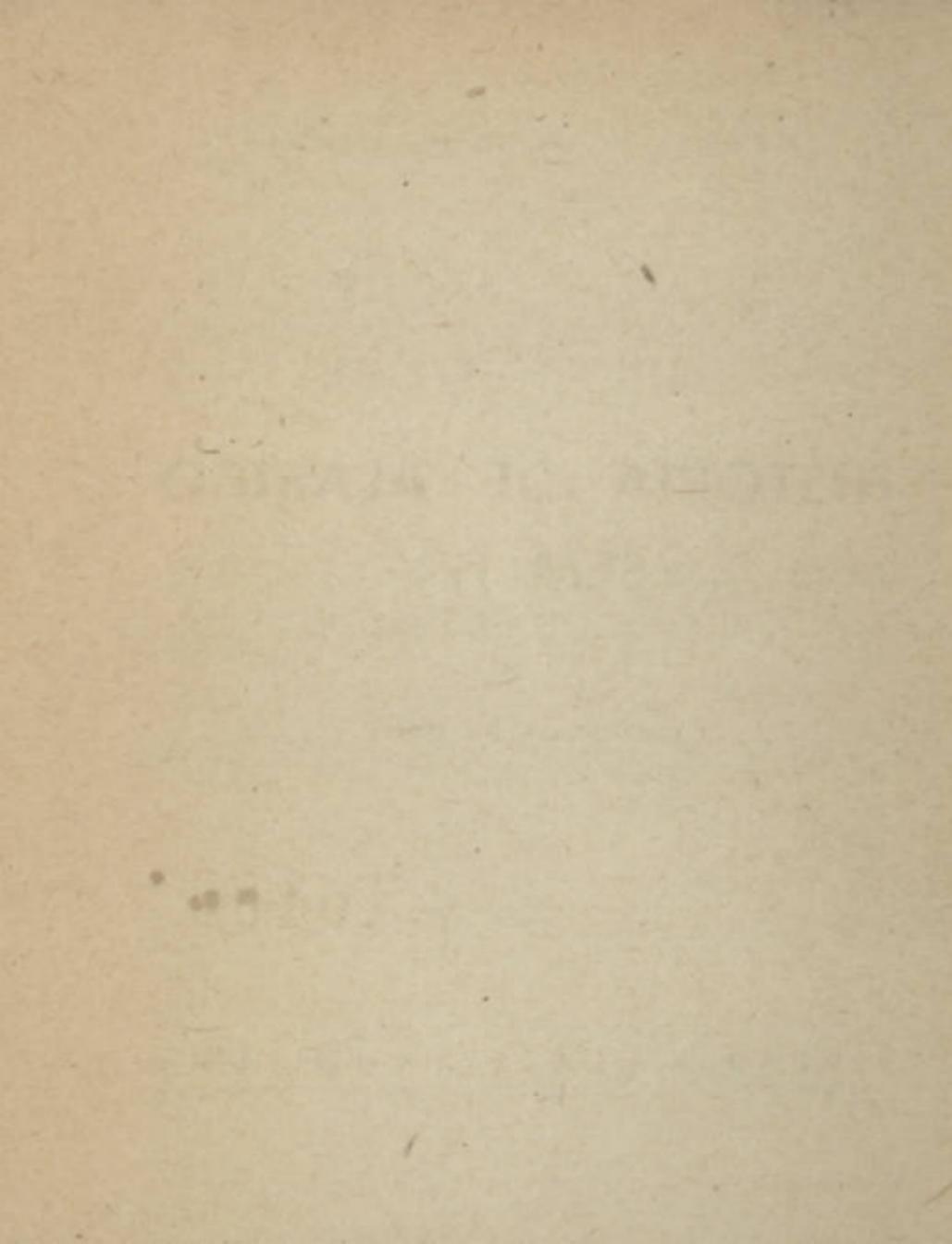
(BONECOS DE PAM)



R. 161864

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
LISBOA

1944



ALARICO SEM FEL

Numa cidade antiga lá para as bandas de onde o sol se levanta vivia há um ror de anos um mercador muito rico. Era viúvo e tinha um filho pequenito chamado Alarico. O pai não

gostava de Alarico porque
êle tinha os olhos vesgos e
piscos, uma perna mais
curta que a outra e era cor-
cunda.

E o mercador casou
segunda vez e teve então
muitos filhos todos bonitos
e perfeitos. Não quis saber
mais do seu primeiro filho.
Nem o queria ver. O pe-
queno era criado na cozinha



O pai não gostava dele

e todos o tratavam muito mal. Mandavam-no guardar os porcos e ninguém queria saber d'ele para nada.

Alarico tinha um coração simples e bom. Não queria mal a ninguém nem tinha maus pensamentos nem acções, fôsse lá contra quem fôsse. Era valente, atirava-se para qualquer perigo se o coração lho pedia. Era amigo

de dar e estava sempre pronto a acudir e a ajudar. Como era muito humilde e nem sabia as boas qualidades que tinha, e como era bom sem nunca pensar em ganhar com a sua bondade, chamavam-lhe, por troça «Alarico sem fel». Mas entristecia-se muito por ver que ninguém o estimava; e um dia, quando já

era um homenzinho, disse lá de si para si:

— O meu pai não gosta de mim; envergonha-se de ter um filho aleijado. A minha madrasta e os meus irmãos tratam-me mal. Vou-me embora, a ver se encontro gente que goste de mim e de quem eu goste. Quero viver com pessoas que sejam boas para mim

e com quem eu possa conversar e rir à minha vontade.

Porque Alarico era muito meigo e gostava de rir.

Um dia tirou-se dos seus cuidados e abalou sem dar cavaco a ninguém.

Foi andando por montes e vales, foi andando, andando sem destino, entregando a sua sorte nas mãos

de Deus. Por fim já farto de andar e cheio de fome, deitou-se no chão a descansar; e quando ia principiar a dormir, ouviu uns gemidos e uma voz que dizia assim:

— Ai! que há-de ser de mim, sem ninguém que me ajude!

Alarico que tinha muito bom coração, levantou-se de um salto e foi a correr ver

o que era. E deu com uma velhinha, pobrezinha, tôda curvada pela idade, olhando com desespêro para um molho de lenha que tinha deixado cair e que não podia levantar do chão sòzinha.

Alarico chegou-se ao pé dela e disse-lhe com muito bom modo:

— Não se rale, tiazinha. Diga lá onde mora que eu

levo-lhe o molho de lenha a casa.

A velhinha respondeu:

— Mas tu és aleijadinho e não podes com êste pêso da lenha.

O Alarico riu-se e disse:

— Não lhe dê isso cuidado. Sou mais forte do que pareço. A boa vontade tem muita fôrça.

A velhinha disse:

— Mas eu sou muito pobrezinha, não te posso pagar.

— Eu não lhe peço paga. Bem pago fico eu com o gôsto de poder ajudá-la.

A velhinha sorriu, deu-lhe umas palmadinhas no ombro e disse assim:

— Pois faz lá como entenderes.

Apesar de muito cansado

como estava, Alarico pegou no feixe de lenha, atirou-o para as costas e pediu à velhinha que lhe ensinasse o caminho.

Fartaram-se de andar. Aquêlê caminho parecia não ter fim e o molho de lenha tornava-se cada vez mais pesado. Pesava como chumbo. Alarico suava em bica, as pernas vergavam-lhe,

ia aos tropeções; a cada passo cuidava que lhe faltariam as fôrças e caïria sem sentidos. Mas nunca se queixou e foi sempre andando atrás da velhinha.

Ao cabo de muito tempo chegaram à porta de uma cabana miserável, tão rodeada e abraçada pelo mato, que mal se diferen-

çava dêle entre o arvoredó.
Alarico deixou escorregar o
molho de lenha para o chão
e limpando o suor da cara
com o lenço, voltou-se para
a velhinha e disse-lhe todo
risonho:

— Vê? Aqui tem a sua
lenha. Não custou nada.

E ela respondeu:

— Se custou ou não
custou, eu bem o sei.

Queres um caneco de água fresca?

— Seria grande favor, — disse Alarico, — porque tenho alguma sede.

A velhinha foi buscar o caneco de água e, quando voltou, encontrou Alarico caído no chão sem sentidos. Ajoelhou ao lado d'ele e disse baixinho:

— Tens um grande cora-

ção. E agora que já sei o que tu vales, não te deixarei ir sem bom pago.

Começou a passar-lhe os dedos pelos olhos e a dizer lá umas palavras esquisitas, até que Alarico voltou a si. Apenas voltou a si, levantou-se de um salto, espantado. Já não sentia fome nem cansaço; estava cheio de fôrça e de alegria.

— O que é isto? O que aconteceu? — perguntou êle.

— Não aconteceu nada, — disse a velha. — Dormiste, descansaste e eu vim acordar-te. Mas que lindos olhos que tu tens! Nunca vi olhos mais lindos em dias da minha vida!

Alarico que sabia muito

bem que tinha os olhos
vesgos e piscos, desatou a
rir e disse:

— Vocemecê gosta de
fazer troça. Pois troce lá à
vontade que eu não me
importo.

A velha foi buscar um
bocado de espelho partido e
disse-lhe que olhasse. Ala-
rico olhou para o espelho e
ficou pasmado. Já não tinha

os olhos vesgos nem piscos, mas sim uns olhos castanhos muito grandes e tão lindos, tão brilhantes que era um regalo vê-los.

— Ou êste espelho é mentiroso — disse êle, — ou voce-mecê é feiticeira.

A velha riu-se, encolheu os ombros e tirou da algibeira uma cidra muito bonita côr de ouro e com

a casca tão macia como se fôsse de cetim.

— Toma lá, — disse ela.
— Esta cidra é do meu pomar. É doce como mel e muito sumarenta. Quando te vires aflito, abre-a. Mas não a abras senão ao pé de uma fonte ou de um ribeiro.

— Mas por que há-de ser ao pé de uma fonte ou de

um ribeiro? — perguntou Alarico.

Mas a velhinha respondeu: — Isso é que não posso dizer-te.

E nisto a terra começou a tremer e a velha e a cabana e a lenha, tudo desapareceu de repente. Alarico olhou muito espantado à sua volta e só viu a floresta e o mato. Por fim pensou:

— Isto foi um sonho que eu sonhei.

Mas reparou na cidra que lhe caíra aos pés. Pôs-se a cismar naquilo tudo e por fim, como não entendia nada, meteu a cidra no bôlso e continuou o seu caminho.

Foi andando, andando, andando . . .

Ia numa azinhaga com muros de ambos os lados,

quando avistou lá adiante
uma velhinha com uma
trouxa debaixo do braço.
De repente cuidou que era
a mesma velha da floresta,
mas depois viu que não
era. E nisto dois ladrões
saltaram por cima do muro
e atiraram-se à velhinha para
lhe roubar a trouxa.

A velha começou a gritar
e o Alarico não quis saber

de mais nada; desatou a correr para ir livrá-la dos ladrões. Não se lembrou que era corcunda e coxo e que os ladrões eram grandes e fortes, capazes de o matarem com um piparote.

Quando chegou perto dêles, abaixou-se, pegou numa pedra e atirou-a com mão tão certa que um dos ladrões, recebendo-a na

cabeça, caíu para o lado sem sentidos. Mas o outro voltou-se para Alarico, furioso, e ia matá-lo com certeza com o cacete que trazia na mão quando Alarico se curvou, deitou a correr para êle e deu-lhe uma tal cabeçada no estômago que o ladrão largou o cacete e deixou-se cair por terra a gemer e a torcer-se com



O ladrão ia matá-lo com certeza...

dores. Alarico apanhou o cacete, deu com êle uma tal pancada na cabeça do ladrão que êste tombou logo para a banda sem sentidos como o outro. Então Alarico pegou na trouxa da velha e disse-lhe assim:

— V a m o - n o s embora depressa enquanto êles não acordam.

E dando a mão à velha

para a ajudar a andar, abalaram os dois o mais depressa que puderam.

Quando chegaram a casa da velha, ela disse:

— És um valente. Entra e descansa. Sou muito pobrezinha e não tenho com que te pague o bem que me fizeste, mas toma lá esta cidra do meu pomar. Quando te vires aflito abre-a.

Mas não a abras senão ao pé de uma fonte ou de um ribeiro.

Alarico agradeceu-lhe muito e meteu a cidra no bôlso; e nisto deu-lhe muito sono e pediu licença para se estender a dormir um bocadinho ali naquele banco onde estava sentado.

Logo que êle adormeceu a velha começou a passar-

-lhe as mãos nas costas dizendo baixinho umas palavras esquisitas.

Alarico dormiu muito tempo. Quando acordou viu que era quasi noite e envergonhou-se de ter dormido tanto tempo. Quis pedir desculpa à velhinha e despedir-se dela, mas procurou-a pela casa tôda e não a encontrou. E, como

já era tarde, saiu da casa, fechou a porta e pôs-se a caminho.

Então começou a perceber que tinha crescido. Sentia-se rijo e forte. Passou a mão pelas costas e viu que a corcunda desaparecera, que tinha as costas direitas; encostou-se a um pinheiro e marcou com a mão a sua altura e verificou que era

um rapaz alto e que desde os pés até à cabeça todo o seu corpo tocava no tronco da árvore. Começou a rir.

— Esta agora! — disse êle consigo. — Já não sou vesgo nem corcunda! Não sei como isto foi. Mas fôsse lá como fôsse, louvado seja Deus!

E contente que nem um rato, continuou o seu caminho.

Foi andando, andando . . .

Enxergou ao longe uma aldeia, mas antes de lá chegar, viu uma velha muito velhinha deitada à beira do caminho. Estava tão rota e esfarrapada que o fato que trazia já mal lhe cobria o corpo. Era tão suja e tão feia que metia nojo; e estava tão doente que parecia mesmo em termos de morrer.

Alarico, cheio de dó, chegou-se ao pé dela e perguntou-lhe o que poderia êle fazer para lhe acudir. A velha respondeu que vinha de muito longe, a pé, que rompera os sapatos e rasgara o fato durante a jornada pelas charnecas e matagais e que estava a morrer de fome.

— E para onde vai voce-

mecê? — perguntou Alarico.

— Vou para casa da minha filha que mora além naquela aldeia, mas já não tenho fôrças para lá chegar, — respondeu ela.

Alarico olhou em redor e avistou um ribeirinho que corria ali perto. Pegou na velha ao colo e levou-a com muito jeito para a beira do

ribeiro. Deu-lhe água a beber e tirou de um bôlso um pedaço de pão que comprara com os últimos cobres que tinha. A velha comeu e bebeu e sentiu-se logo melhor. Mas estava tão suja e coberta de piolhos e cheirava tão mal que Alarico mal podia disfarçar os vômitos.

— Olhe, — disse êle, — o

melhor agora é vocemecê lavar-se.

— Lá isso é, — respondeu ela, — porque se a minha filha me vê assim é capaz de não me conhecer. Mas eu não tenho fôrça para me lavar, nem posso lavar a minha roupa que está cheia de bichos.

Alarico então despiu a velha, atirou-lhe o fato nojento

para um barranco e lavou-a muito bem lavada. De vez em quando tal era o seu nojo que se escondia atrás de uma moita para vomitar. Quando acabou de a lavar, despiu o seu gibão de pano e a sua camisa de linho e vestiu a velha com essa roupa limpa. Depois enfiou um gabão velho que trazia às costas, pois não tinha

agora sôbre si mais que os calções e as botas. Por fim pegou na velhinha ao colo e foi andando direito à aldeia.

A aldeia parecia estar ali muito perto, mas para lá chegar teve que andar todo o dia e tôda a noite; e a velha pesava cada vez mais; e como Alarico era coxo, custava-lhe muito andar com a quêle pêso nos braços.

Mas nunca se queixou e só pensava em animar a velha e contar-lhe histórias que a faziam rir. E aconteceu que a pouco e pouco a velha começou a cheirar tão bem que Alarico cuidava levar nos braços um molho de cravos e rosas.

— Como pode isto ser?
— perguntava Alarico a si mesmo. — Parece mesmo

que lhe dei um banho de perfumes! Ou será ela alguma santa disfarçada?

Mas não achando resposta a estas perguntas, não se ralou mais com aquilo e foi seguindo o seu caminho.

Quando finalmente chegaram à porta da casa, a velha deixou-se escorregar para o chão e foi tôda

lépida ao quintal de onde
voltou com uma cidra na
mão. Era uma cidra linda;
parecia um sol pequenino.
Deu-a a Alarico e disse-lhe
assim:

— Quando te vires aflito
abre esta cidra. Mas não a
abras senão ao pé de uma
fonte ou de um ribeiro.

E convidou Alarico a
entrar. Estava o jantar ao

lume. A velha pediu ao rapaz que jantasse com ela. Comeram e beberam que se regalaram.

—Mas onde está a sua filha?—preguntou Alarico.

A velha desatou a rir e não respondeu; e Alarico ficou a cismar naquilo e disse de si para si:

—Se calhar a história da filha é pêta. Não percebo

nada, mas também não me importa.

E, como estava a cair de sono, encostou a cabeça á mesa e adormeceu que nem uma pedra. A velha meteu-se debaixo da mesa e começou a puxar-lhe pela perna mais curta, e a bichanar lá umas rezas que ninguém podia entender.

Quando acordou, Alarico

viu que a casa, a velha e a aldeia tinham desaparecido; estava outra vez no meio do mato.

— Isto foi sonho que eu sonhei, — pensou Alarico.

Mas logo reparou que não tinha gibão nem camisa e apanhou as três cidras que tinham caído dos bolsos do gabão.

— Não percebo nada, —

disse êle consigo. — Isto deve ser bruxaria.

E como não era pessoa para se ralar à procura de explicações, não pensou mais em tal e continuou o seu caminho. E então, quando começou a andar, descobriu que já não era coxo e que tinha as duas pernas do mesmo comprimento e rijas como aço.

Benzeu-se e disse:

— Louvado seja Deus!

Já não sou vesgo, nem corcunda, nem coxo!

Tão contente estava que se largou a cantar e a dançar no meio do caminho. Depois continuou a sua jornada.

Um dia de muito calor ia êle por uma charneca fora quando lhe deu uma

grande sêde. O sol escaldava e não havia ribeiro nem fonte onde matasse aquela sêde, nem sequer uma sombra onde descansasse. Assim foi andando muito tempo sem ver o fim da charneca, sem encontrar uma aldeia nem uma casa.

Por fim lembrou-se das cidras que levava no bôlso. Pensou:

—Se eu abrir uma destas cidras e lhe chupar o sumo, talvez ganhe fôrças.

Sentou-se numa pedra, tirou a navalha do bôlso e abriu uma cidra. Qual não foi o seu espanto quando viu sair da cidra uma princesa coroada, linda como um raio de sol. Era muito pequenina; não tinha mais de meio palmo de altura.

Estendeu os bracinhos para
êle e gritou, muito aflita:

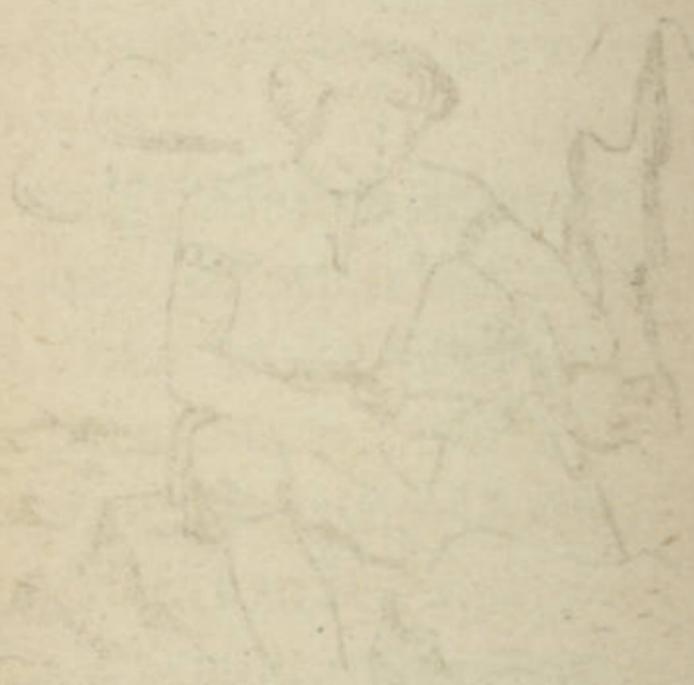
—Dá-me água, senão
morro!

E como Alarico se esque-
cera da recomendação da
velha, não tinha água que
desse à princesa, ela mur-
chou como uma flor e tom-
bou para a banda, morta.

Alarico ficou muito triste.
Chorava de pena e de



—Dá-me água, senão morro!



—THE END OF THE WORLD—

20

W

desespêro. Mas, vendo que o mal não tinha remédio, foi continuando a sua jornada.

Andou, andou... Aquela maldita charneca parecia não ter fim. A sêde era tamanha que Alarico tinha a bôca sêca como se fôsse de cortiça e turvou-se-lhe o juízo de tal maneira que a cada instante lhe parecia ver

fontes e ribeiros onde só havia mato raso e terra sêca e dura. Quando chegou à noite estendeu-se no chão para dormir, mas não podia dormir nem sossegar, abraçado em febre.

Mal teve fôrças para se levantar na manhã seguinte; e lá se foi arrastando conforme pôde porque êle bem sabia que se ficasse naquela

maldita charneca deserta e ressequida, teria morte certa.

Por volta do meio-dia, já não podia mais. Pensou:

— Talvez as outras cidras não tenham princesas dentro. Talvez tenham sumo . . .

Sentou-se no chão, pegou na navalha e abriu a segunda cidra. Logo de lá saiu outra princesa coroada,

pequenina e linda que nem um raio de luar.

A princesinha estendeu os bracinhos para êle e gemeu numa grande aflição:

—Dá-me água, senão morro!

E, como Alarico não tinha água para lhe dar, logo ela tombou para a banda e morreu.

— Que estúpido que eu sou! — disse Alarico em voz alta, desesperado. — Bem me diziam as velhinhas que não abrisse as cidras senão ao pé de um ribeiro ou de uma fonte. Mas eu só pensei na minha sede.

Agora estava certo que na terceira cidra se escondia outra princesa encantada.

— Hei-de salvá-la! Hei-de

salvá-la! — repetia êle cheio de resolução.

E o seu desejo de salvar a princesa era tal, que até se esqueceu da sêde que o matava e do sofrimento que lhe roubava as fôrças. Encheu-se de coragem. Desatou a caminhar pela charneca fora com passo firme.

— Hei-de salvá-la! Hei-de salvá-la!

E não pensava em si, não tinha pensamento senão para a princesa que queria salvar.

Aquela sua vontade era tão forte, que nem se lembrava de mais nada. Assim caminhou todo aquêle dia, cheio de confiança e de fé em que havia de salvar a princesa, desse lá por onde desse. E quando chegou a noite, em lugar de se deitar,

continuou a andar pela charneca fora, guiando-se pelas estrêlas e pedindo a Deus que o ajudasse.

De madrugada viu de repente diante de si uma grande cidade de onde se levantavam tôrres e cúpulas de palácios e de mesquitas. Em volta da cidade estendiam-se muitos jardins, hortas e pomares.

— Ai! Louvado seja Deus!— gritou Alarico a rebentar de alegria.— Aqui deve haver água com certeza!

E desatou a correr para a cidade esquecido da sede e do cansaço, só tendo no coração o seu desejo de salvar a pobre princesa, encantada dentro da cidra.

Chegou a uma linda e

grande horta muito viçosa
tôda cortada de ruazinhas,
que belas árvores carregadas
de fruto ladeavam. E de
repente viu-se defronte de
um grande tanque de már-
more para onde a água
corria a jorros de uma
biqueira de mármore côm-
de-rosa. Alarico bebeu,
bebeu a fartar daquela água
transparente e fresca; e

lavou a cara e mergulhou os braços e as pernas no tanque. E, tirando a cidra do bôlso, meteu-lhe com muito jeito a ponta da navalha para a abrir.

Logo de lá saiu uma princesa coroada, linda como as estrêlas do céu e tão pequenina que não tinha mais altura que uma maçaroca de milho.

A princesa, que era mais

linda e perfeita do que as outras duas, estendeu logo para Alarico os bracinhos e suspirou:

— Dá-me água, senão morro!

E Alarico logo lhe apresentou água numa concha pequenina que ali achou.

A princesa bebeu, bebeu... e começou a crescer. Cresceu, cresceu até

ficar do tamanho de uma mulher. Era tão linda que nem há palavras para descrever a sua lindeza. Os cabelos pareciam de ouro fino, a bôca de coral, e os olhos eram verdes e brilhantes como duas esmeraldas.

Alarico não tirava os olhos dela e sentia o coração aos pulos dentro do peito. Disse-lhe assim:

— Gosto de ti com tôda a minha alma. És a minha noiva. Se não caso contigo, morro de paixão.

E ela abraçou-o com muita ternura e respondeu logo:

— Fôste tu que me salvaste. És o noivo do meu coração.

Nisto ouviram uma restolhada entre um canteiro

de milho alto que ali havia à beira do tanque, e viram uma preta muito gorda, e feia que nem uma noite de trovões, que vinha direita a êles tôda risonha. Tinha uma coroa de ouro em cima da carapinha, um manto real aos ombros e o peito e os braços cobertos de jóias.

— Eu sou a rainha dêste reino, — disse ela, — e esta

cidade é minha; e esta horta pertence ao meu palácio real. Sejam muito bem-vindos, meus senhores.

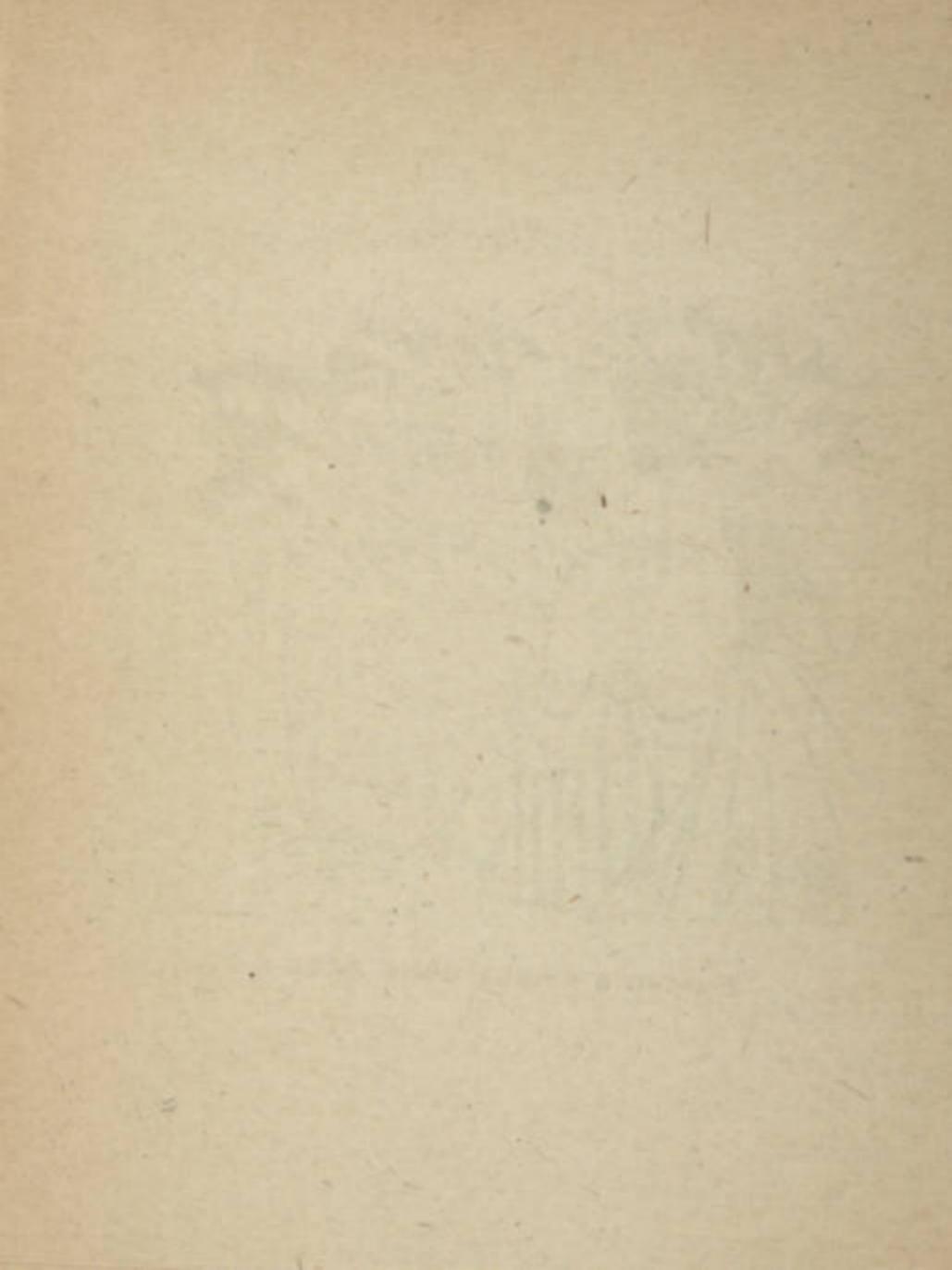
A princesa agarrou-se a Alarico com quantas fôrças tinha, a tremer de mêdo, e disse-lhe em segrêdo:

— É pêta! É pêta! O meu pai é que é o rei d'êste reino...

Mas não pôde continuar



— Eu sou a rainha dêste reino...



porque a preta chegou-se ao pé dêles e disse ao Alarico:

— Vai por esta ruazinha fora até encontrares um morangal; e traz de lá morangos para matar a fome da tua noiva.

Alarico foi logo a correr buscar os morangos. Apenas êle desapareceu na volta do caminho, a preta

tirou da algibeira um pente de ouro e começou a pentear os lindos cabelos da princesa.

A princesa, coitadinha, tremia de medo, mas não se atrevia a dizer nada. E a preta despregou disfarçadamente do peito um alfinête de prata e enterrou-lho de repente na cabeça.

— Ai! Alarico, acode-me!

— gritou a pobre princesa.

Mas no mesmo instante ficou mudada numa rôla e fugiu espavorida para os troncos mais altos de uma cerejeira que ali havia.

E nisto voltou Alarico do morangal com o chapéu cheio de morangos.

— Onde está a minha noiva? Onde está o meu

amor? perguntou êle à preta.
— Eu bem a ouvi chamar
por mim. Que mal lhe
fizeste tu?

— Eu! Fazer-lhe mal?
— respondeu a preta fin-
gindo que chorava. — Estou
tão triste e tão aflita!
Quando eu estava a pen-
teá-la com o meu pente de
ouro, veio um urso e levou
a princesa. Mas não te

rales. Vem comigo para o palácio e eu vou mandar os meus caçadores e os meus criados à procura do urso.

— Não preciso dos teus caçadores nem dos teus criados, — disse Alarico todo resoluto. — Eu vou sòzinho.

Mas quando virou as costas à preta, viu que estava rodeado pelos guardas do

palácio que eram gigantes de mais de dois metros de altura, todos vestidos de ferro e com grandes espadas nuas nas mãos. Foi então que êle ouviu lá do alto da cerejeira uma rolinha a cantar assim:

— Tu... trrr... u...
Tu... trrru... u...

A voz da rolinha era tão triste que lhe cortou o

coração. Pôs-se de cabeça no ar a olhar para ela. E nisto os gigantes vieram sobre êle e levaram-no à fôrça para o palácio. Levaram-no para um quarto muito rico todo forrado de sêda e ouro. Tiraram-lhe o gabão e os calções que estavam sujos, esfarrapados, tiraram-lhe as botas que estavam rôtas, à fôrça de

andarem por maus caminhos; lavaram-no, perfumaram-no, pentearam-no e vestiram-lhe um lindíssimo fato de veludo carmesim todo bordado a pérolas.

Alarico não se importava. O seu pensamento não estava ali. O seu pensamento andava longe à procura da sua querida princesa, e à procura daquela rolinha que

cantara tão triste lá no alto da cerejeira.

Por fim quando acabaram de o preparar, levaram-no à presença da rainha preta. Lá estava ela ao fundo de uma sala enorme, sentada no alto de um trono, rodeada de gente da sua côrte, em grande esplendor. Alarico olhou para tudo aquilo como se olhasse para

um rebanho de ovelhas. Achava aquela preta gorda feia que nem um demónio e não se importava para nada com as suas riquezas. O que êle queria era a sua noiva e também aquela rolinha triste que não lhe saía do pensamento.

A preta levantou-se e disse assim apontando para Alarico:

— Êste é o meu noivo.
Vai casar comigo amanhã.
É o príncipe mais lindo,
perfeito e valente que há no
mundo. Será o vosso rei.

Alarico ao ouvir tais pala-
vras, caiu em si e zangou-se.
Respondeu logo:

— Nem sou príncipe,
nem lindo nem valente, nem
sou noivo daquela medonha
preta. Quero ir-me embora.

E se teimam comigo, vai tudo raso.

Tôda aquela gente ficou aterrada. Sabiam que a preta era uma feiticeira perigosa que tinha dado cabo do seu verdadeiro rei e lhe tinha encantado as três filhas, lindas princesas que êles adoravam. Todos tremiam de mêdo diante daquela gordíssima e medonha preta.

A preta fêz de conta que não ouviu as palavras de Alarico, mas os olhos luziam-lhe de raiva como duas brasas.

— Tragam-me o meu noivo, — disse ela. — Quero que êle se sente aqui no trono ao meu lado e que beba comigo o vinho das nossas bodas.

Alarico virou-se de re-

penete para trás. Apanhando um dos guardas de surpresa, arrancou-lhe a espada das mãos e deu-lhe tal golpe com ela que o gigante logo ali ficou de pernas para o ar. Os dois oficiais que vinham com as taças de vinho também apanharam para o seu tabaco e as taças foram pelo ar e o vinho entornou-se no chão.

Alarico começou então a abrir caminho para se ir embora. Ainda matou e feriu uns poucos, mas os guardas eram muitos e eram gigantes, e acabaram por o prender. A preta metia medo. Babava-se de fúria. Torcia a cara em caretas horríveis e fazia quanto podia para deitar um feitiço sobre Alarico. Mas os seus

feitiços quebravam-se todos porque o coração de Alarico era tão simples e tão bom que as más artes mágicas da preta não podiam nada contra êle.

Então a feiticeira berrou:

— Para o calabouço!
Para o calabouço!

E os guardas levaram-no e ferraram com êle no cala-

bouço que era uma prisão estreita e escura, só com uma janela gradeada de ferro.

O pobre Alarico ali ficou dias e dias a pão e água e com as pernas e braços carregados de ferros. Já começava a desanimar pensando que ali acabaria os seus dias quando uma bela manhã viu uma rolinha

muito linda pousada na beira da janela.

— Tu . . . trrru . . . u . . .

— disse a rolinha com a sua voz muito doce e meiga.

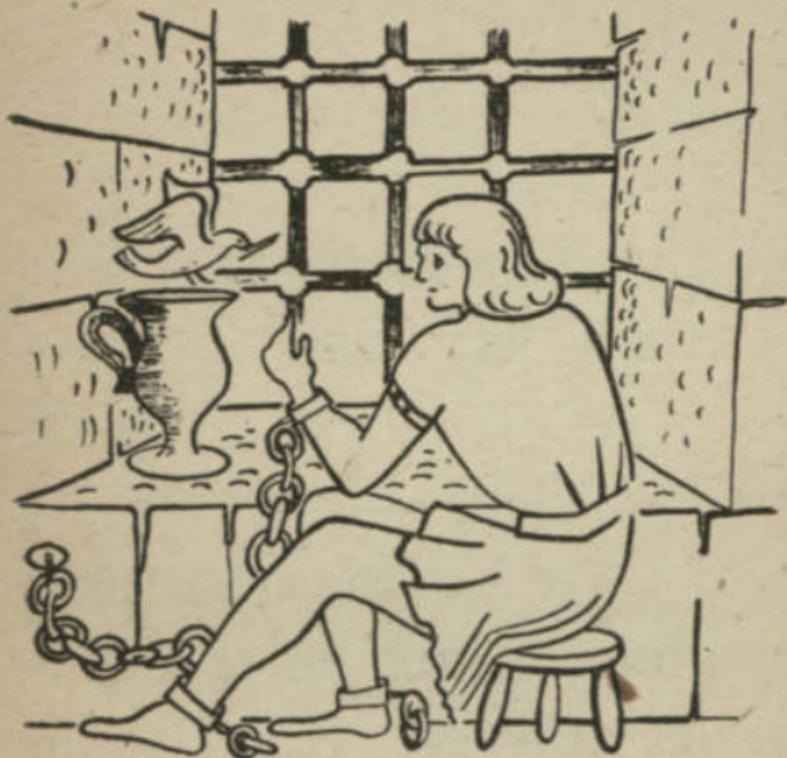
Alarico ficou todo contente. Já nem lhe pesavam os ferros nem se importava de estar prêso.

Dai por diante a rolinha vinha tôdas as manhãs visitá-lo. E aconteceu que,

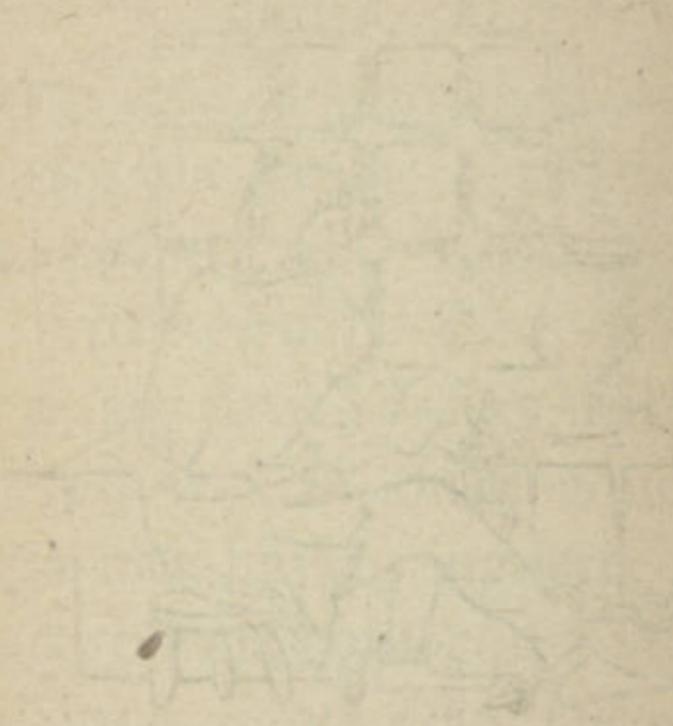
andando nesse tempo um ferreiro a trabalhar numa obra lá nos jardins do palácio, a rolinha aproveitou a hora da sesta em que o homem dormia e roubou-lhe uma lima. À noitinha foi a voar com a lima no bico, e entrando pela fresta no calabouço, deixou-a cair no chão aos pés de Alarico.

Tôda aquella noite Alarico trabalhou a limar os ferros que o prendiam e as grades da fresta; e ao raiar da madrugada seguinte, lá conseguiu escapar-se. A fresta dava para as traseiras do palácio onde àquella hora não havia ninguém.

A rolinha começou a voar baixinho diante dêle. De vez em quando pousava num



À noitinha a rôla foi a voar com
a lima no bico...



A drawing of a bridge or a large building with a central arch-like feature.

ramo de uma árvore e dizia assim:

— Tu... trru... u...
trrru... u...

E Alarico entendia muito bem o que ela queria dizer:

— Vem por aqui... Vem atrás de mim...

E assim foram andando muito tempo até que saíram dos jardins do palácio;

e, quando o sol ia a nascer, estavam êles num bosque de medronheiros muito cerrado onde se esconderam. A rolinha pôs-se a apanhar medronhos com o bico e foi-os trazendo um por um até que juntou muitos e assim ela e o Alarico almoçaram à farta. Mas o Alarico estava triste e não fazia senão suspirar.

—Ai de mim! Ai de mim! Onde estará o lindo amor do meu coração?

. A rôla pousou-lhe no colo e êle começou a fazer-lhe muitas festas. Ao passar-lhe a mão pela cabeinha, tocou com um dedo numa coisa muito dura e, afastando com muito jeito as penas viu que era a cabeça de um alfinête! Ficou



muito admirado e cheio de dó e, muito devagarinho, foi puxando, puxando . . .

De repente, apenas o alfimete saiu cá para fora, a rôla transformou-se na princesa! Nem se pode contar a alegria dos dois noivos! Aquilo foram abraços e beijos e por fim deram as mãos e puseram-se a cantar e a dançar que era um gôsto vê-los.

Por fim, já muito cansados, sentaram-se na relva e a princesa disse assim:

— Aquela preta horrorosa morreu agora mesmo, porque os seus feitiços perderam muita fôrça desde que se fêz rainha do reino que roubou ao meu pai. Para me encantar em rôla com êste alfinête teve de empregar um tal feitiço que, se

alguém me desencantasse, ela morria. Como tu quebraste o feitiço, ela morreu logo. E, como meu pai morreu há já muito tempo, eu sou agora a verdadeira rainha dêste reino.

Ouviu-se então um grande borborinho de povo e cantos e gritos de alegria e chegando-se os dois à beira da estrada a ver o que

era, enxergaram uma grande multidão que avançava com músicas, foguetes e muitas bandeiras. E todos gritavam:

— Morreu a preta! Morreu a feiticeira intrujona! Queremos a nossa querida rainha verdadeira!

E vendo à beira da estrada a princesa muito linda com os seus cabelos de

ouro fino e a sua coroa real, ficaram doidos de contentes e levaram-na em triunfo e ao seu noivo Alarico.

O casamento fêz-se no dia seguinte com grandes festas que duraram mais de um mês; e daí por diante foi aquêle povo felicíssimo porque tinha os melhores reis que havia no mundo.

Alarico não cabia em si de contente. Adorava a sua linda rainha e tiveram muitos filhos, principesinhos e princesinhas perfeitos e lindos como rosas em botão.

À fôrça de pensar pouco em si e muito nos outros, tôda a gente do seu reino morria por Alarico; e assim, pela bondade do seu coração, êle encontrou o

que procurava: uma terra
onde todos gostavam d'ê
e onde êle gostava de
todos.

F I M



CONTOS DE ENCANTAR

(série Joanhina)

VOLUMES PUBLICADOS :

- | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| 1—João Feliz | 16—As três enfeitadas |
| 2—A Lebre e o Ouriço | 17—A Bruxa do Bosque |
| 3—Branca de neve e Rosa Encarnada | 18—A Princesa encantada |
| 4—João Fiel | 19—A cabeça da Medusa |
| 5—O Alfaiatinho Valente | 20—A Rainha das Abelhas |
| 6—O Coelho matreiro | 21—O Rei das orelhas de burro |
| 7—A orelha do diabo | 22—O Anel Mágico |
| 8—Vingança de Colibri | 23—O Cãozinho Azul |
| 9—O Dragão das escamas de aço | 24—Pinto Pintalegrete |
| 10—A Raposa e o Lobo | 25—O Sonho do Pastorinho |
| 11—A Pombinha branca | 26—O Mágico do Castelo das Nuvens |
| 12—A última varinha de condão | 27—A Burrinha Tola |
| 13—O nariz comprido | 28—Sempre Pronto |
| 14—Os anões da floresta | 29—As três bolas de |
| 15—Sete varinhas de ginjeira | 30—O coelhinho ver |
| | 31—A Menina Tarta |

LIVRARIA CLASSICA EDITORA